Revista Internacional Movimentos Docentes
ISSN 3086-7452
Vol. 1, 2024, p.51-53
10.47247/movdoc.v1i.16

DE UM PROJETO NASCERAM MUITOS MOVIMENTOS

Everton Viesba[1]

Há histórias que conseguimos contar indicando com precisão o dia em que começaram. Outras só revelam seu começo quando olhamos para trás. Tenho pensado nisto ao planejar o editorial desta revista e dos livros da V&V. Quando penso na trajetória do Grupo de Pesquisa Movimentos Docentes, criado em 2010 na Universidade Federal de São Paulo, tenho a impressão de que pertencemos ao segundo tipo. Hoje é relativamente fácil organizar datas, projetos, pesquisas, publicações, eventos e nomes. Difícil é reconstruir aquele tempo em que nada disso estava pronto e em que provavelmente ninguém conseguia imaginar todos os caminhos que seriam percorridos.

Talvez seja essa a beleza de um movimento.

Movimentos verdadeiros não nascem prontos, né? Eles começam pequenos, eu acho. Às vezes em uma sala. Em uma reunião ou a partir de uma pergunta. Em um projeto que aparentemente possui começo, meio e fim, mas que, quando encontra as pessoas certas, recusa-se a terminar — Escolas Sustentáveis que o diga!

Foi assim que, entre tantas iniciativas, o PIBID Didática, iniciado em 2012, dois anos depois da constituição do Grupo de Pesquisa Movimentos Docentes, tornou-se uma espécie de projeto precursor de muitas das experiências que viriam depois. Naquele momento, talvez ainda não fosse possível perceber sua dimensão, era um projeto de ensino e de formação docente. Mas era também muito mais. Ali estavam licenciandos entrando nas escolas, professores da educação básica dialogando com professores universitários, futuros docentes experimentando o planejamento, encontrando estudantes reais, lidando com tempos escolares reais, revendo aquilo que haviam aprendido na universidade e descobrindo que a docência possui uma complexidade que nenhum texto consegue antecipar inteiramente.

A escola deixava de ser apenas o lugar sobre o qual se falava na universidade para tornar-se um espaço no qual se aprendia com professores e estudantes. E isso muda tudo.

Quando a universidade entra na escola disposta apenas a ensinar, perde parte da oportunidade que possui. Quando entra disposta também a ouvir, observar, aprender e construir junto, começa a produzir outras perguntas. E nós sabemos que perguntas são perigosamente férteis. Uma pergunta leva a outra, uma experiência solicita compreensão e um problema encontrado em sala de aula transforma-se em objeto de pesquisa. A pesquisa, por sua vez, produz novos conhecimentos. Esses conhecimentos retornam à formação. A formação provoca novas práticas. É quase uma música no ritmo da velha a fiar.

Foi nesse movimento que ensino, pesquisa e extensão deixaram de ser três palavras repetidas em documentos institucionais e passaram a constituir uma experiência universitária de proporções inimagináveis...

[1] Mestre em Ciências, professor, Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Cidade de São Paulo. Coodenador do ObES-Unifesp e Líder da Rede MD. eviesba@gmail.com

Revista Internacional Movimentos Docentes
ISSN 3086-7452
Vol. 1, 2024, p.51-53
10.47247/movdoc.v1i.16

Com o tempo, aquilo que havia começado em projetos como o PIBID foi produzindo desdobramentos. Foram surgindo pesquisas, trabalhos de iniciação científica, dissertações, projetos de extensão, produções coletivas e novas questões de investigação. Algumas dessas trajetórias estão, agora, registradas justamente neste primeiro volume da Revista Internacional Movimentos Docentes.

Ao ler esses trabalhos juntos, percebo algo que talvez não fosse tão evidente quando cada pesquisa estava sendo construída separadamente: eles contam também uma história coletiva. A pesquisa de Ana Valiengo sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas por pibidianos, por exemplo, mostra como a participação no PIBID favoreceu a aproximação entre teoria e prática, ampliou a experiência dos licenciandos no cotidiano escolar e contribuiu para o desenvolvimento de saberes e da própria identidade docente. Não foi difícil reconhecer aí uma das marcas que acompanhariam tantos outros projetos do grupo: a preocupação em diminuir as distâncias entre universidade e escola. O conhecimento acadêmico não poderia permanecer na universidade. A experiência da escola também não poderia continuar sendo tratada como algo menor diante do conhecimento produzido academicamente.

Era necessário construir pontes.

Mas as pontes começaram a produzir caminhos próprios.

As experiências relacionadas à formação de professores e à realidade das escolas fizeram surgir também investigações sobre Educação Ambiental. Na pesquisa de Clemil Camelo, por exemplo, as práticas e concepções docentes revelam desafios para uma Educação Ambiental efetivamente interdisciplinar, mostrando lacunas formativas, dificuldades institucionais e a permanência de práticas muitas vezes pontuais e fragmentadas. Aquilo que inicialmente poderia ser percebido como uma dificuldade encontrada no cotidiano escolar torna-se, por meio da pesquisa, uma possibilidade de compreender melhor a própria educação.

É assim que vejo a pesquisa dentro do Movimentos Docentes... Como uma tentativa de aproximar-se da realidade da educação de outra maneira, sem ser sobre o prisma de cima da ponte. Cabe: perguntar melhor; observar melhor; compreender melhor. E, principalmente, retornar...

Porque pesquisa educacional que não consegue reencontrar a escola corre o risco de terminar na última página de um trabalho acadêmico engavetado ou perdido no repositório institucional.

Foi também dessa necessidade de retorno que nasceram projetos de extensão dos quais participei diretamente. Para mim, a extensão sempre teve algo de especial justamente porque ela interrompe a falsa ideia de que o conhecimento percorre apenas um caminho, saindo da universidade em direção à sociedade. Nunca foi assim. Pelo menos não nos projetos que fizeram sentido para mim.

Cada vez que entrávamos em uma escola, organizávamos uma formação, desenvolvíamos uma atividade com professores ou construíamos uma proposta junto a uma comunidade, voltávamos diferentes. Levávamos alguma coisa e trazíamos muitas outras.

Revista Internacional Movimentos Docentes
ISSN 3086-7452
Vol. 1, 2024, p.51-53
10.47247/movdoc.v1i.16

Novas perguntas, novas inquietações, novas experiências. Às vezes, novos projetos.

Foi dessa circulação que nasceram outras pesquisas dentro do grupo. Projetos de mestrado, investigações desenvolvidas por Érica, Giuliana e tantos outros pesquisadores foram ampliando os temas e mostrando que a formação docente não poderia ser compreendida a partir de uma única dimensão.

O Movimentos Docentes foi sendo construído enquanto caminhava, afinal:

Ensino gerou pesquisa.

Pesquisa provocou extensão.

Extensão fez nascer novas perguntas de pesquisa.

Pesquisadores tornaram-se professores.

Professores tornaram-se pesquisadores.

Estudantes passaram a produzir conhecimento.

E pessoas que chegaram para participar de um projeto permaneceram para construir muitos outros.

Eu mesmo me reconheço nessa história.

Não consigo separar inteiramente minha trajetória acadêmica dos projetos, encontros, pesquisas e pessoas que encontrei nesse percurso. Em diferentes momentos, fui estudante, pesquisador, extensionista, organizador, professor, autor e parceiro de tantas iniciativas que nasceram dentro ou ao redor desse movimento.

E aprendi que nenhuma dessas posições é permanente. Isso, para mim, reflete o que são os Movimentos Docentes. Eles passarão, eu passarinho.

Recebido em 28 de julho de 2024.
Publicado em: dezembro de 2024.